

A CASA TOMBADA

AMANDA SILVA DOS SANTOS

COLETAS DA NATUREZA
EXPERIÊNCIAS DE ENCONTRO COM A NATUREZA QUE SOMOS

BRAGANÇA PAULISTA
2023

AMANDA SILVA DOS SANTOS

COLETAS DA NATUREZA
EXPERIÊNCIAS DE ENCONTRO COM A NATUREZA QUE SOMOS

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Pós-Graduação "A Natureza que Somos: Filosofias e Práticas para uma atuação genuína no mundo".

BRAGANÇA PAULISTA
2023

AGRADECIMENTO

Agradeço as circunstâncias que me levaram a encontrar e fazer parte da segunda turma do curso *A natureza que somos e suas filosofias e práticas para uma atuação genuína no mundo*. Dedico meu maior respeito e admiração às mestras Rita Mendonça e Bia Tadema que criaram, tornaram possível e conduziram os mais encantadores encontros nesta pós-graduação. Agradeço minhas colegas de curso, que confiaram em partilhar suas percepções de mundo, tornando rica nossa caminhada. As professoras e professores convidados que nos permitiram conhecer, imaginar e experimentar suas pesquisas e práticas. A minha família que me deu contorno e constituição de vida, mundo e poesia. A minha coordenadora e colegas de trabalho que apoiaram meus estudos para uma atuação mais genuína. E agradeço também aos mais diversos seres, vivos e não vivos que inspiraram minha jornada e esta escrita.

EPÍGRAFE, OU, UMA PRÉ-INTRODUÇÃO

Boas vindas! Antes de começar gostaria de brevemente compartilhar partes da natureza, que estou e sou, a fim de localizar e contextualizar minha escrita. Me chamo Amanda, sou uma mulher de 29 anos, cisgênera, branca, de cabelos castanhos cacheados e não possuo deficiência física ou intelectual. Vivo e trabalho em contexto urbano e portanto minha escrita é atravessada pelo caos e pela ordem do concreto. Ocorre então, que as reflexões que surgem neste trabalho partem e apontam para o contexto urbano, mas pode fazer sentido também fora dele. Atuo como educadora artista em um museu de arte localizado em um dos maiores parques da América Latina, e procuro abrir espaços para a natureza adentrar de forma transversal em minha práxis. Acredito que a infância é um estado de presença que não se limita a uma única fase da vida e que os pássaros estão entre os seres mais criativos deste planeta.

Escolhi me referir a natureza, pela palavra natureza, mas quem preferir poderá interpretá-la com *Gaia* ou outro termo que desejar, de todo modo, natureza será uma palavra muito presente ao longo de todo o texto. Assim como a palavra experiência, que a todo momento parece ser expandida e ressignificada, e a palavra elemento, cujo significado nasce nas ciências antigas e diz respeito à relação da água, ar, terra e fogo como substâncias essenciais.

O percurso desta escrita começa por percepções tecidas em volta do que chamei de Movimentos de separação humano-natureza (Cap. 01), na qual há uma tentativa de entender os motivos que nos levaram a nos distanciar da natureza. Perceba que o termo “humano” vem na frente de “natureza”, isso porque acredito que a separação não é um movimento natural, mas sim, um movimento que parte dos conceitos que tangem o humano. De modo que quando sigo o percurso para falar dos Movimentos de aproximação natureza-humano (Cap. 02) a palavra “natureza” vem em primeiro lugar, pois nossos gestos de aproximação à natureza, são e podem ser naturais. Este mesmo tipo de ênfase é dada quando me refiro aos caçadores-coletores, que aqui escolho chamar de "coletores-caçadores", pois além do tema desta escrita se tratar das coletas, descobri que muitos dos povos denominados como caçadores-coletores na verdade mais coletavam do que caçavam, por isso escolhi inverter a ordem e chamá-los de coletores-caçadores.

Um termo que inventei na ocasião do ensaio que antecedeu esta dissertação e aparece pelo menos uma vez por aqui é “urbanicidade” que uso para definir as cidades que são urbanas. Por fim, encerro a caminhada no capítulo 3, onde conto três pequenas histórias sobre experiências de coleta de elementos da natureza vividas no último ano. Seja bem vinda (o) à Coletas da natureza: experiências de encontro com a natureza que somos.

“O pensamento é o mediador entre terra e mundo.”

Paul Klee.

SUMÁRIO

Introdução.....	6
Capítulo 01: Movimentos de separação humano-natureza.....	9
Ancestralidade coletora e separação da natureza.....	9
Posso coletar?.....	11
Capítulo 02: Movimentos de aproximação natureza-humano.....	14
Experimentar o mundo.....	14
O que guia a coleta?.....	16
Capítulo 03: Quando a coleta te escolhe.....	19
Toda pedra é preciosa.....	19
Pontos de cor no concreto.....	21
Morte, vida e folhas secas.....	22
Conclusão.....	23
Referências Bibliográficas.....	24

Introdução

Ao longo do percurso por entre a *Natureza que somos e suas filosofias e práticas para uma atuação genuína no mundo*, pude viver uma mudança, ou talvez refinamento, no tom, na postura e na percepção do que entendo e de como me relaciono com a natureza. Essencialmente, a mudança tem haver com um estado de atenção e dedicação para com outras espécies de seres vivos e não vivos que compartilham conosco o prazer e a dor da existência na Terra. Estado de atenção e dedicação que requerem tempo e presença, duas qualidades que escapam dos modos de vida que se vivem hoje, e em especial nas grandes cidades. Quanto mais me aproximo da natureza de modo pessoal, mais percebo o quão enorme é a distância que se criou entre a natureza e a coletividade humana.

Cotidianamente observo centenas de pessoas passarem por uma das maiores áreas verdes da cidade de São Paulo, o parque Ibirapuera, apressadas e preocupadas com suas tarefas, muitas pessoas parecem pouco disponíveis para se deixarem ter uma experiência com a natureza. Os parques são respiros verdes no meio do cinza da metrópole, mas todos percebem essa mudança de tom? Durante o curso, algumas perguntas se materializavam em minha mente repetidas vezes: como criar ou reforçar os vínculos de relação com a natureza? Como mediar possíveis processos de reconexão e ressignificação com a natureza? Ou ainda; o que é preciso para nos percebermos enquanto natureza? Por entre as centenas de possíveis respostas que há para essas perguntas, me fixei naquelas que propõem a possibilidade de vínculo por meio da experiência, que pode ser e se confundir com “experiências práticas”, experiências para se viver com o corpo preenchido de alma, e que podem se configurar em experiências de aprendizado. Como nos lembra Rita Mendonça (2017, p. 26): “o aprendizado pela experiência é fundamental para embasar o conhecimento que se quer transmitir na educação. A experiência consegue trazer nossa atenção para a percepção do agora – único tempo em que o vivo pode ser realmente sentido/percebido.” A experiência corporifica o vínculo, o traz à tona por meio do corpo em ação no mundo, na natureza. Assim sendo, esboço uma simples resposta a pergunta que guiou esta dissertação: “a criação de vínculos ou reconexão com a natureza se dá por meio das experiências que se vive com/na natureza”.

Atuando em contextos de educação não formal, vivo o desafio de aprender a ser ponte, a conectar pessoas a diferentes universos, e instigar percepções diversas do mundo. Essa ponte

pode em muitas vezes ser construída de diálogo, mas também é possível construí-la a partir das proposições práticas; experiências pedagógicas e poéticas. A parte que cabe a experiência sempre me encantou; experimentar, testar, ensaiar, provar, possibilitar e brincar, é o que a experiência significa para mim. Se a experiência pode ser ponte, ela pode nos levar aos caminhos que nos aproximam da natureza. E entre os mais diversos modos de experienciar a natureza, me pus a pensar nos processos de coleta que compõem muitos tipos de experiências possíveis. Trabalhando na condução e acompanhamento de muitas oficinas de práticas artísticas pude viver processos de coleta de elementos da natureza para compor oficinas de desenho, escultura, produção de tintas e brinquedos. A essência dessas experiências é a transformação dos elementos, mas aqui gostaria de dedicar a atenção ao processo que antecede essa transformação: a coleta dos elementos naturais.

Caminhar, se colocar no mundo para observar e perceber espécies em formatos diferentes de vida e não vida, estranhar e se encantar, enfim, coletar. Mas, o que guia uma coleta? E o que guia nossas escolhas? A minha relação com a natureza implica na forma de como e no que vou coletar? O que muda com a coleta? E depois dela?

Aconteceu de eu conhecer no decorrer do ano passado algumas pessoas que por diferentes razões eram coletores de elementos da natureza dentro das *urbanicidades*. Seja para domesticar plantas coletando mudinhas, para criar substâncias tintórias ou ainda para coletar frutos, flores e folhas não convencionais que servem de alimento. Os coletores caminham por jardins, parques, praças e pequenas áreas verdes da cidade portando saberes que parecem segredos. Acompanhar seus percursos de coleta, observar e aprender por entre as escolhas dos elementos coletados pode, sutil ou subitamente, despertar sensações de encantamento por um mundo novo que se abre ao nosso redor. De repente, uma flor que era só uma flor se torna uma flor com sabor adocicado, ou um pedaço de terra que era só o chão pelo qual se caminha apressado se torna um pedaço de terra capaz de tingir papéis de um vermelho acobreado. Algo comum nessa espécie de coletores é a disposição e generosidade em partilhar seus saberes e não saberes, já que num percurso de coleta tudo pode ser encontrado, desde aquilo que já é sabido a elementos completamente desconhecidos. E ambas as situações, de encontrar algo conhecido e encontrar algo desconhecido, podem, se houver espaço para, nos conduzir a experiências de encantamento, qualidade fundamental para construção dos processos de aprendizagem e vínculos genuínos.

Um percurso de coleta pode ser realizado em grupo ou individualmente, e em ambos os formatos é possível vivenciar uma partilha de saberes que acontecem através da relação com outras espécies. É possível aprender com uma pedra que é coletada? Ou com uma flor? Nos esquecemos que existe toda uma geo e biodiversidade que está presente no mundo muito antes de nós, e que presenciou e aprendeu a se adaptar às sucessivas e diferentes mudanças na história deste planeta. Nessa perspectiva, em determinadas situações pode ser possível aprender muito mais com uma pedra do que com uma pessoa. Se não abrímos espaços para as plantas, os rios, os animais e outros seres nos ensinarem outras formas de nos relacionar com a natureza, estaremos condenados à solidão de um mundo meramente humano, centralizado unicamente na potência do ego. Como propõe o professor José Augusto Pádua (2023), “nada no universo é fechado, qualquer coisa que seja totalmente fechada no universo não consegue subsistir. É preciso haver algum tipo de troca, de interação.”

Em meus processos de coleta de elementos da natureza me coloco a perceber o que cada elemento tem para me dizer, e muitas vezes minha coleta primeiro ensina algo sobre mim para depois ensinar algo sobre ela. Como quando a observação de folhas secas me levou a reflexões sobre ciclos de vida e morte que eu estava vivendo em minha família. Quando as folhas perdem sua vitalidade elas ressecam e perdem a flexibilidade, isso também pode acontecer com o corpo humano num processo semelhante. Esse tipo de reflexão surge na observação do que há em comum entre nós e as outras espécies. Esse elo em comum se encontra desde a estrutura fisiológica e genética que compartilhamos entre diversas espécies à aspectos da subjetividade, mas, que muitas vezes não é percebido. Todas as formas portadoras de vida têm consciência, e a consciência é uma expressão da natureza. Assim, a experiência do encontro com outros seres é também a experiência do encontro com outras formas de consciência, que permitem a expansão de nossa percepção de mundo através da diferença. As experiências de coleta podem ser experiências de encontro, um convite para se aproximar e se colocar em relação ao outro. O encontro na sua forma mais genuína requer disposição e disponibilidade, interesse e doação, momentos de escuta e de fala, partilha e conservação. Assim, espero que esta escrita seja um encontro entre quem escreve e quem lê. E que as reflexões aqui presentes possam inspirar cada leitor em seus processos de encontro à natureza.

Capítulo 01: Movimentos de separação humano-natureza

Ancestralidade coletora e separação da natureza

Sei que a experiência de coleta de elementos da natureza é partícula de uma ancestralidade comum a todas e todos nós, por mais que não nos percebamos como coletores natos. Um dia já fomos todos coletores; os vestígios das nossas mais antigas histórias nos contam que em todos os territórios do planeta nos quais se houve registros da ocupação humana, houve também registros de que a vida já foi organizada a partir da coleta e da caça. Em contraste a esse aspecto ancestral tão antigo, gosto da ideia de que a infância é o que há de mais ancestral em nós, ela também é um aspecto de ancestralidade comum a todos: um dia já fomos todos crianças. Resgatei na memória pequenas coletas que fazia quando criança; uma pedra grande e pesada que carregava pelo quintal, galhos que pareciam varinhas mágicas, sementes ou pequenos frutos que viravam comidinha em minhas brincadeiras, flores que cabiam no cabelo e as conchas que traziam consigo a essência do mar. Não guardei nada disso. A não ser a experiência do encontro, a imagem da textura, do sabor, do som de tais elementos, enfim, a experiência de brincar com a *Terra*. Hoje, percebo que a coleta é um encontro que me aproxima da natureza e também me aproxima da minha infância, sendo portanto um encontro ancestral.

A coleta constituiu parte fundamental da subsistência humana e proporcionou uma grande aquisição de saberes sobre o meio ambiente. Foi por meio dela que os primeiros seres humanos descobriram quais elementos poderiam servir de alimento, quais possuíam fins medicinais, quais poderiam ser transformados em utensílios, ferramentas, e ainda quais possuíam qualidades estéticas. Não à toa, esta estrutura de vida baseada na coleta e também na caça, corresponde a 99% da história da humanidade, foi preciso muito tempo para administrar tais saberes, muitos deles, inclusive, herdados de outras espécies que já viviam da coleta e da caça. Observamos outras espécies e com elas aprendemos a viver, não havia separação entre aquilo que era humano e natureza.

As organizações sociais modernas que herdaram esses saberes os transformaram em ciência, medicina, química e tantas outras áreas de um conhecimento que se tornou fragmentado. Ao fragmentar o conhecimento, fragmentamos também a natureza, ela tem hora (recreio, final de semana, férias, etc) e lugares (jardins, praças, parques, etc) delimitados para ocupar e

acontecer. O ato de fragmentar separa, cria limites entre o que é uma coisa e o que é outra. O que é natureza se torna diferente do que é ser humano. Muitas teorias surgem na expectativa de datar qual momento da história o ser humano se separou da natureza, três possíveis momentos foram citados pelo professor Cláudio Maretti (2023): ao longo do processo de consolidação da cultura judaico cristã; durante o renascimento; e na revolução industrial. Na opinião do professor, a separação se dá na revolução industrial, pois é quando surge a crença de que a humanidade será capaz de resolver tudo a partir dos avanços tecnológicos. Porém, arrisco apontar para uma característica em comum que surge nos três períodos que podem sugerir condições para a nossa separação: as hierarquizações. Respectivamente, as hierarquizações se davam a partir da superioridade de um Deus supremo, da valorização do homem em detrimento às outras espécies de vida, e da exaltação ao capital. Fragmentamos e hierarquizamos, dois movimentos de delimitação e separação. É importante lembrar que tais situações históricas se desenrolaram principalmente do continente europeu para o mundo. Ou seja, a separação da natureza não constitui uma evolução nata de nossa espécie, ela é produto de uma cultura colonizadora.

Outro ponto importante é perceber que diversos elementos da natureza são incorporados nesses sistemas de hierarquização. O exemplo mais comum talvez sejam os minérios, como o ouro, que num determinado momento da história se torna um dos bens mais valorizados. Quem inventou que o ouro vale mais que o rio? Mais que o peixe? Mais que o ar que respiramos? A lógica da hierarquização estrutural que funda diversas sociedades humanas ao longo da história se baseia na valorização de pequenos grupos de pessoas que valem mais do que as outras, essa forma de se relacionar entre humanos se reflete na maneira como nos relacionamos com a natureza. Se a natureza que somos é hierarquizada, a natureza que não somos também será, pois no fim tudo compõe uma só natureza, que por essência não é fragmentada e hierarquizada.

No processo de separação e hierarquização entre humano e natureza, é construída a lógica de que todos os elementos que a compõem existem para nos servir, e estão ao nosso completo dispor. Nesse contexto, a coleta que um dia constituiu um modo de vida equilibrado se torna um grande problema, que funda a experiência da exploração e extração de enormes quantidades de elementos naturais. A coleta se transforma em extrativismo, que é o tipo de coleta que destina o material coletado para o comércio e indústria. A natureza se torna produto, e o humano o consumidor. Portanto, as coletas extrativistas se direcionam ao

consumo humano, e são parte fundamental da estrutura capitalista. As primeiras sociedades que fizeram grandes extrações acreditavam que os elementos coletados eram inesgotáveis, mas esta ilusão foi rompida pela realidade, ou seja; só nos damos conta de que os elementos naturais são finitos ao extinguir diversos elementos. A ilusão de acreditar que natureza fosse “recurso” inesgotável, na verdade era ignorância, nascida e criada no nosso processo de separação da natureza. As consequências das ações extrativistas são conhecidas: destruição ou depredação de ecossistemas; poluição ou contaminação de ambientes; violência e/ou aniquilação de espécies, incluindo grupos humanos; criação de monoculturas; desequilíbrio climático; e outras. Tais impactos muitas vezes são irreversíveis e a tendência é produzir consequências ainda mais graves. Em essência, as consequências da coleta de extrativismo são consequências da separação entre humano-natureza. Estreitando o assunto; vale lembrar de um importante apontamento sobre a história ecológica brasileira compartilhado pelo professor Pádua (2023): o Brasil nasceu para ser um projeto de exploração ecológica colonial. O próprio nome “Brasil”, herdado da árvore que foi demasiadamente explorada no século XVI, anuncia esse compromisso predatório de alimentar as nações colonizadoras. A coleta extrativista é um dos aspectos fundadores deste país e de outros tantos constituídos por narrativas parecidas com a nossa.

Mas então, porque propor experiências de coleta de elementos naturais como possibilidade de criação de vínculos e reconexão com a natureza, se a nossa relação atual com a coleta é tão destrutível? E se a experiência moderna de coleta é a experiência de consumo? A história deste planeta e também a história humana é composta por transformações, muitas delas cíclicas, nessa história, a coleta que hoje é parte de um grande problema ambiental um dia já foi base de um modo de vida mais equilibrado. Acredito que as experiências de coletas de elementos naturais têm em sua essência a potência de resgatar e ressignificar parte da experiência do equilíbrio, da sintonia entre natureza-humano, num exercício de subversão do que as grandes coletas representam hoje. Se configuram em vivências mais próximas do espectro da micropolítica, são microcoletas e permitem espaços de reflexão-ação ou ação-reflexão. Coletar com propósitos genuínos, provido de reflexões sobre o porquê e para que desta ação. Assim, gosto do resgate da nossa ancestralidade coletora-caçadora, por mais distante que seja, porque ela nos lembra que o mundo humano nem sempre foi do modo como conhecemos. Há muitos outros modos de existir enquanto coletividade humana, muitos deles menos distantes da natureza que somos.

Posso coletar?

Como disse anteriormente, acompanhei e conduzi diferentes oficinas que partiam da coleta de elementos da natureza em jardins e parques dentro do contexto de educação não formal. Deste modo, para uma oficina de desenho ou escultura era comum coletarmos folhas, galhos, pedras e outros elementos que fossem encontrados nos arredores de onde trabalho. Muitas vezes o momento da coleta se dá de forma livre e até aleatória, havendo um único direcionamento: o de, se possível, não arrancar nada e dar preferência para coletar aquilo que já está no chão, como as folhas e galhos secos. O que não impede de encontrar preciosidades pelos caminhos. Mas, foi num encontro com uma coletora de elementos tintórios que esta usual “ética do que pode ou não pode” ser coletado foi posto em questão, já que para produzir tintas, algumas flores e frutos precisariam ser arrancados. E assim, uma certa tensão foi instalada. Afinal, pode coletar a flor, o fruto ou a folha que segue verdinha ali no galho da árvore? Ninguém havia de fato feito a pergunta, mas a coletora, talvez ciente da tensão, se pôs a responder o que hoje me parece óbvio, mas que no momento foi quase revelador: todos os elementos que coletamos da natureza tem seu propósito vital, mesmo as folhas ou os galhos secos caídos ao pé das árvores, cumprem ali seu compromisso cíclico de manter o solo sadio, são também casa ou até alimento para outras espécies.

Compreender que todos os seres vivos e não vivos têm seu propósito, é essencial para se criar uma percepção respeitosa pelos elementos da natureza, e a mudança de percepção muda a forma como é feita a coleta. Tanto é, que foi a partir de uma mudança na percepção sobre a natureza que a coletividade humana inicia os processos das coletas irregulares. A partir do momento que se interpretou que o propósito dos elementos naturais era estar à nossa disposição, nos servir, essa percepção gerou as coletas desenfreadas e extrativistas da qual falei no texto anterior. O devir da natureza não é nos servir, ela é vida e nos mantém vivos e podemos cocriar movimentos de vida com ela. Mas aqui a mudança de percepção se trata da tentativa de perceber a inteireza e integridade dos elementos, e a partir daí assumir uma postura de reciprocidade para com eles. Pode não ser fácil chegar a essa percepção, pois também é muito comum assumir uma postura distante da natureza ao criar a interpretação de que ela deve ser intocada: “já que tudo tem seu propósito, o ideal seria nos mantermos distantes para não atrapalhar nenhum ciclo, nenhuma espécie”. É uma postura muito conveniente, pois se a natureza é intocada, distante, ela passa a não ser assunto de nossa atenção, e de repente “ela não é nosso problema”. E sim, existem reservas de conservação de

espaços de natureza que se constituem no afastamento humano para garantir a preservação do local, nesses casos o distanciamento de fato existe. Porém, isto não significa de modo generalizado que a natureza é intocável, ou que não somos dignos de nos relacionar com o que se denomina por natureza. Por mais que nos esqueçamos, nós próprios somos natureza, e quanto mais nos distanciamos dela mais nos distanciamos de nós mesmos.

Quando retomo a pergunta, “posso coletar?”, percebo o quanto ela também anuncia em si determinado afastamento da natureza. Afastamento esse que se dá pela falta de conhecimento; não sabemos o que pode coletar, ou nem sequer sabemos se é ou não possível coletar. Nos acostumamos a coletar elementos da natureza direto dos supermercados, e nesses contextos a experiência de coleta na natureza inexistente, ou melhor, é terceirizada. Num lugar desconhecido, alguém que desconheço colhe a maçã que irei consumir. Nesse caminho, a única coisa que aquele que come a maçã conhece é o preço que se pagou por ela. Todo o processo, do semear ao colher, passa despercebido.

O conhecimento envolve movimentos de atração, traz o que está distante para perto, deste modo, acredito que nos falta conhecer mais a natureza para trazê-la mais para perto de nós. Assim como a maior parte das pessoas que são mais próximas de nós costumam ser aquelas que melhor conhecemos e que melhor nos conhece. Para estar mais perto da natureza é preciso desenvolver o interesse por conhecê-la, criando um tipo de aproximação mais íntima como a que se cria ao conhecer alguém querido ou querida. Quando precisei conhecer as árvores que compõem o jardim onde trabalho, senti imediatamente que me aproximei delas. Conhecer suas histórias, características, me levou a reconhecê-las em qualquer outro lugar fora dali. De repente não era apenas qualquer árvore, mas uma Tipuana, uma senhora Jacarandá, Jequitibá, Jerivá, Tataré. Ao conversar sobre esse tipo de aproximação que se dá no processo de conhecimento, minhas amigas de curso lembraram daquele maravilhoso poema de Manoel de Barros no qual ao conhecer o nome da volta que o rio fazia, se perdeu ali a poesia; assim ele diz:

O rio que fazia uma volta atrás da nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.

Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada.

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás da casa.

Era uma enseada.

Acho que o nome empobreceu a imagem.

(BARROS, 2015, p. 537)

Sempre que possível advogarei a favor da poesia de Manoel de Barros, mas eis de excepcionalmente aqui defender a enseada, pois acredito que toda nova palavra permite o nascer de uma nova poesia. O que enriquece ou empobrece nossa experiência com a natureza no fundo não é a palavra ou a falta dela, mas nossos gestos de encontro ou afastamento. Não é preciso conhecer tudo, mas tampouco ajuda conhecer nada, e é esse o ponto no qual muitos de nós se encontra, sabendo pouco ou quase nada sobre a natureza. Quando questionado sobre o que era preciso para se ter consciência ecológica, a resposta do professor Pádua (2023) foi a de que era necessário estudar geografia, conhecer o mundo. Assim, penso que para ter uma ação genuína no mundo é crucial conhecê-lo, em suas mais diversas formas.

Todo o afastamento da relação humano-natureza não se deu de forma súbita, mas sim gradual, de modos e intensidades diferentes em lugares e culturas diferentes. Tenho falado do afastamento porque a intenção é aproximar, e para aproximar é importante ter em mente e corpo a noção da distância. Notar os afastamentos cotidianos é um exercício de percepção que ajuda a localizar quão distantes estamos da natureza, para, a partir daí, nos questionar se esses distanciamentos fazem sentido e se há modos de diminuí-los. E sem dúvidas, o aprendizado é uma forma de diminuir essas distâncias.

Percebi um desses afastamentos cotidianos ao longo das conduções de atividades com grupos de jovens e crianças. Sempre que possível, convido esses grupos para uma breve conversa no jardim antes de começar de fato as atividades. Nos sentamos na grama para trocar as primeiras ideias e firmar os combinados sobre como será o encontro. De modo geral, quando convido um grupo a sentar na grama todos topam de maneira muito natural, mas percebi ao longo dos últimos tempos que muitos jovens se recusam sentar na grama por não gostar da textura, por temer ser atacado por insetos ou simplesmente não gostar da experiência que é sentar na grama. Esta é uma atitude que sempre me surpreende; como alguém tão jovem pode não gostar de sentar na grama, ou de estar ao ar livre? Imagino que para haver esse tipo de

aversão, o contexto no qual essa criança ou jovem vive é composto por cenários formados de muito cimento e pouca grama, muito computador, celular e pouco vento fresco soprando no rosto, enfim, uma experiência muito urbana. Enquanto as grandes *urbanicidades* constituírem o cenário oposto ao que se entende por natureza, os cidadãos que nelas vivem estarão fadados a experiência de viver na rachadura entre o humano-natureza.

A esta altura creio que podemos retomar a pergunta inicial: “posso coletar elementos da natureza?”. Não sou nenhuma autoridade, mas como é possível imaginar, ousou responder que sim, podemos coletar elementos diversos da natureza a fim de se colocar em direção a experiências que nos aproximem dela. Mas, sempre de modo responsável, o que inclui ter ciência de que nem tudo e nem todos os espaços de natureza são passíveis de coleta. É preciso atenção quanto às áreas de conservação e também áreas degradadas que possam oferecer riscos à saúde. O ideal é conhecer o espaço onde a coleta está sendo feita e saber que toda coleta traz efeitos aos ecossistemas por mais que tais efeitos não possam ser humanamente percebidos. Toda ação tem seus impactos, por menor que seja. Esta é uma premissa que devemos ter sempre em mente: a coleta não é uma experiência isenta de impacto, mas o impacto não necessariamente é sinônimo de geração de grandes problemas ambientais. As coletas se transformam em problemas ambientais quando são feitas desenfreadamente, em grandes quantidades e sem nenhuma reflexão e percepção dos efeitos que causam no ambiente. Quando penso na importância que é ter conhecimento sobre a área que se faz a coleta e também conhecimento sobre como e o que se está coletando, isso me leva de volta aos coletores-caçadores e os diversos conhecimentos que estes adquiriram ao longo da sua existência na terra. Conhecer e aprender, assim como coletar, são práticas ancestrais.

Por fim, o modo como percebemos a relação entre natureza e humanos impacta na forma como coletamos os elementos da natureza. Se você exerce práticas de coletas de elementos da natureza, mesmo que pequenas ou esporádicas, sugiro que antes de seguir para o próximo capítulo faça o seguinte exercício de reflexão: de que forma estou coletando esses elementos? E qual minha percepção sobre a relação da natureza-humanos?

Capítulo 02: Movimentos de aproximação natureza-humano

Experimentar o mundo

Na intenção de refletir sobre como as experiências que partem da coleta podem ser movimentos de encontro e aproximação com a natureza, pensei em quais poderiam ser os primeiros movimentos de encontro e interação entre natureza-humano. Esse pensamento me levou a imagens do que seria o começo da vida humana, do desprender-se da natureza cósmica, aquosa e uterina de nossas mães para vir ao mundo e se deparar com a imensa diversidade de outros seres e elementos que, assim como nós, compõem a natureza. Acredito que a forma como os bebês e as crianças expressam os primeiros movimentos de encontro com outras naturezas seja por meio da brincadeira. Ao brincar experimentamos o mundo, e constituímos os sentidos e significados sobre ele, muitos dos quais levamos para toda uma vida.

Percebo que muito do meu encantamento pelas experiências de coletas nascem da sensação de estar brincando enquanto estou nos ambientes de natureza procurando o que coletar. A brincadeira traz à tona qualidades que despertam o corpo, a alma, a concentração, curiosidade, encantamento e estranhamento pelo mundo. Brincar é uma ação transformadora, gera vitalidade para a nossa forma de existir. Ao limitar a brincadeira a uma única fase da vida, no caso a infância, limitamos nossa própria natureza. Me arrisco a propor que a desvalorização da natureza é proporcional à depreciação que há da infância, tida como algo a ser superado, encerrado. O professor Renato Noguera (2018, p. 627) subverte tais ideias ao apresentar o conceito “infancializar” que consiste na “maneira de perceber na infância as condições de possibilidade de invenção de novos modos de vida”. E ainda:

[...] em termos afroperspectivistas, infancializar quer dizer: experimentar a vida de uma maneira brincante que assume a instabilidade, a impermanência e o reconhecimento de que podemos experimentar o mundo e as relações com outros seres como uma forma de autoconhecimento interdependente. [...] crianças, adolescentes, adultos e idosos podem manter conexão ou se reaproximar daquilo que os torna seres biocêntricos, curiosos e criativos: a infância. (NOGUERA, 2018, p. 638)

Este modo de ser e estar curioso e criativo é fundamental para aqueles e aquelas que se dispõem a caminhar em direção à natureza. E pode até ser mais fácil encontrar crianças em estado de infância, mas como sugere Renato, infanciarizar é uma forma de conduzir a vida que pode ser experienciada por qualquer um em qualquer momento da vida. Se deixar viver em estado de infância é se permitir encantar e estranhar o mundo, e a partir do encantamento ou da estranheza esticar nossa percepção sobre ele. Conforme crescemos podemos desenvolver uma tendência a indisposição para exercitar esse estranhamento ou encantamento pelo mundo, em outras palavras; uma indisposição para o experimentar. Ao acreditar que já experimentamos o mundo o suficiente para entendê-lo, nos fechamos para qualquer nova experiência. Conseqüentemente, nos fechamos para qualquer nova possibilidade de expandir nossa percepção e interpretação do mundo. Vale nos colocar em questão: quando e porque deixamos de experimentar o mundo?

O encantamento pelo mundo é preceito valorizado em diversas pedagogias que pensam a primeira infância. Como que, se para garantir que as crianças, seres que acabaram de chegar num mundo complexo, cheio de manias e leis possam se encantar por ele o suficiente para chegar ao ponto de desejar ficar/estar nele. E quiçá deseje ainda lutar e preservar aquilo que há de mais genuíno. Viver tais processos na infância é um privilégio limitado a determinados contextos, parte de nós cresce sem orientação para uma percepção atenta, encantada e respeitosa para com a natureza. Imagino que a falta de possibilidade para exercitar esse tal encantamento pelo mundo nos primeiros anos de vida está intrinsecamente ligado às crises ecológicas que se agravam a cada geração. Porém, a falta de tais experiências na infância não nos impedem de aguçar a percepção no decorrer da vida. Talvez só nos seja exigido maior esforço e disposição para perceber o mundo de modo mais sensível, mais infanciarizado.

Assim, a infância e a brincadeira são estados de presença que possibilitam formas de encantamento e estranhamento por um mundo que nos acostumamos a acreditar que já conhecemos, por uma natureza que acreditamos que não nos diz nada a respeito. Se colocar em estado de infância é romper a inércia do cotidiano, se abrir para o inesperado e não se deixar assustar por ele, mas sim rir e dançar a partir do seu ritmo. Para encontrar seu estado de infância é preciso voltar a experimentar o mundo, voltar a brincar. Se você se sente distante de um estado de presença infanciarizado, comece tentando lembrar o que lhe trazia prazer na infância, quais brincadeiras e jogos mais te animavam. Cada um a seu próprio modo encontrará experiências que despertam esse estado, pode ser no desenho, na escrita, no

caminhar, no cantar ou jogar cartas. Quando enfim encontrar-se vivendo em estado de infância, tente guardar a sensação, perceba como seu corpo interage no espaço, no que sua concentração está focada e se há uma sensação de bem estar. A partir daí leve esta sensação contigo e sempre que houver espaço experimente se deixar infanciar pela vida. Experimente se encontrar com a natureza em seu estado de infância. Será que algo muda?

Os momentos em que saio para coletar elementos da natureza são os momentos em que experimento meu estado de infância. Me desconecto das conexões virtuais do mundo e me concentro no inesperado, no não saber o que irei encontrar ou coletar, assim como quando criança, eu desbravava o quintal de casa. De fato me percebo curiosa ao longo de uma coleta e mais criativa após ela. Como que se para despertar minha natureza criativa antes fosse necessário se encontrar com a natureza. A partir da minha experiência, abro então um convite para experimentar as coletas como um encontro com a natureza e com a infância que há em nós.

O que guia a coleta?

“Praticar a teoria e teorizar a prática”, do contrário nossos gestos e palavras se tornam ociosos.

Num exercício de checar a rota, retomo a essência do incômodo que me levou a escrever sobre as coletas, que é justamente pensar, propor e viver experiências na natureza como forma de criar ou reatar nossos vínculos com ela. Existe certo senso comum que entende por experiência aquilo que é extraordinário, que não cabe na banalidade do cotidiano. Esta é uma crença delimitadora, pois exclui qualquer possibilidade de estranhamento ou encantamento por entre os dias comuns. As experiências de coletas de elementos da natureza e outras tantas que nos convidam a estranhar o que já é sabido, partem do oposto desta crença. Pois estas, cabem por entre o emaranhado do cotidiano, muitas vezes criando frestas de suspensão do tempo, suspensão do caos e suspensão da alienação. A experiência vive onde deixamos ela entrar.

Mas antes de partir para o que cabe a experiência, gostaria de reunir perguntas e reflexões que podem ser feitas antes de começar a coleta ou outras experiências de encontro com a

natureza. Na prática, sair para coletar elementos naturais não necessariamente necessita de grandes cerimônias, mas se colocar em estado de presença, atenção plena, ou um estado infancionalizado, são fundamentais para se conectar à experiência. E, de todo modo, uma vez que esta escrita se dedica ao assunto, reforço a ideia de se criar espaços no tempo para a reflexão. Assim sendo, gosto de me fazer e de fazer aos outros perguntas como:

Na minha percepção, o que é natureza?

E o que é humanidade?

Qual a relação entre natureza e humanidade?

O que a cultura na qual estou inserida diz sobre a relação natureza-humanidade?

O quanto a cultura molda nossa percepção de mundo?

A minha percepção sobre o que é natureza é a mesma desde a infância?

Se algo mudou, conte o que transformou sua percepção ao longo do tempo.

Como definiria minha própria natureza?

Nela há espaço para se colocar em estado de infância?

O que sinto quando estou num espaço de natureza?

O que tenho vontade de fazer quando estou em tais espaços?

Me sinto disponível para me encantar ou estranhar os elementos naturais que compõem esses espaços?

O que muda ao voltar deles?

E o que fica ou o que me marca quando volto de uma experiência vivida na natureza?

Você se sente pertencido a natureza?

Não é preciso pensar em respostas fechadas, ou definitivas. E talvez o exercício de respondê-las só traga mais perguntas, que incitarão novas e mais profundas reflexões. Dedique o tempo que achar necessário, e se sentir vontade dialogue e troque ideias com outras pessoas. Após a reflexão comece imaginar o que pode guiar sua coleta, considere as seguintes questões:

Qual sua intenção ao coletar elementos da natureza?

Quais lugares acredita ser possível realizar a sua coleta? Você já esteve lá antes?

O que espera encontrar?

Neste encontro há espaço para o inesperado?

Se a experiência de coleta de elementos da natureza já faz parte do seu cotidiano, e você já sabe o que te leva a coletar, pense em como você costuma realizar as coletas e quais os passos que te levam até encontrar o que espera encontrar. Tente dar mais evidência ao que se vivencia na coleta para não cair numa automatização dos processos. Mas se você não sabe o que pode guiar sua coleta, comece imaginando ou lembrando quais elementos da natureza costumam chamar mais sua atenção, podem ser flores, pedras, as sementes caídas aos pés das árvores, líquens, musgos ou gravetos. Essa inclusive pode ser a primeira diretriz para se iniciar uma coleta: ir de encontro ao que mais chama sua atenção. Experimente sair para coletar um único elemento, quando encontrá-lo busque um lugar tranquilo e observe com atenção cada detalhe que o compõe. Tente manter a cabeça livre de julgamentos e anote mentalmente os aspectos e características do elemento coletado:

Qual o tamanho do elemento? Ele cabe na sua mão?

Ao tocá-lo, como definiria sua textura?

Quão pesado é o elemento?

Qual sua temperatura? Quente? Fria?

Ele possui cheiro?

E gosto? Se pudesse provar, qual seria o gosto deste elemento?

Quantas cores existem no elemento?

Ele emite algum tipo de som?

Quais marcas, linhas, ou rastros tornam este elemento único?

E em seguida podemos nos fazer perguntas que levem a narrativas imaginárias. Não se preocupe em chegar a uma resposta correta, a intenção é criar respostas ou até contar histórias e para isso você pode deixar seu estado de infância aflorar.

Como este elemento foi parar no local onde o encontrei?

Há quanto tempo esse elemento existe?

Quantas pessoas e animais passaram por ele sem percebê-lo?

O que muda no lugar em que o elemento foi retirado com a ausência dele?

O que ele me lembra?

Há alguma coisa nele que se pareça comigo?

Acredito que há um hábito de humanizarmos outras coisas que não sejam humanas, este talvez seja um hábito intrínseco a todos nós. Algumas dessas perguntas podem nos levar a querer dar nome, identificar qualidades e personalidades no elemento que foi coletado, o que é algo comum, e pode ser interessante perceber como a natureza dos outros seres é parecida com a nossa. Mas sinto que há um sentido hierárquico nesta humanização de outros seres e espécies; humanizamos tudo, mas não nos deixamos ser influenciados genuinamente pelos modos de ser dos outros seres. Seria possível pensar como uma planta? Sentir o mundo como o mar sente? O que uma árvore consegue ver da perspectiva de sua copa? Deixe-se levar pela inversão dos sentidos, e imagine como o elemento que você coletou percebe o mundo. Como ele percebe sua presença e reage a ela?

As experiências de coleta não precisam ser permanentes, podemos coletar e devolver o elemento ao lugar que o encontramos. Nesse tipo de coleta é possível exercitar diferentes formas de se deixar marcar pelo encontro do elemento. Uma delas é fazer um exercício de percepção e imaginação a partir de perguntas como as que foram apresentadas acima. É possível também experimentar formas de registros como o desenho, a escrita, fotografia e vídeo. De todo modo, para se deixar marcar pelo elemento é preciso haver disponibilidade de tempo preenchido de presença.

Se você decidir levar o elemento coletado contigo, pense no que fará com ele. Muitas pessoas costumam coletar elementos da natureza com intuito de embelezar suas casas, é também uma forma de deixar o lar com maior presença de vida. A natureza humana é atraída pelo que é belo, e a natureza é constituída de uma grande diversidade de vida e beleza. Há uma sensação de completude e reverência quando encontramos algo belo para contemplar, portanto esses elementos que são acomodados em nossas casas podem nos lembrar cotidianamente a beleza,

a complexidade e diversidade das formas que existem na natureza. É possível também manipular e transformar os elementos coletados. Nesse sentido, os coletores fazem uso da coleta para transformar e criar novos elementos, composições artísticas, objetos de uso cotidiano, alimentos, insumos medicinais e tantas outras coisas. É o caso de coletores que usam terra ou flores para criar pigmentos tintórios; artistas que coletam pedras para compor obras de arte e artesanias, ou terra para fazer argila e criar esculturas; curandeiras que coletam ervas medicinais para tratar da saúde; ou coletores de plantas e frutos que transformam suas coletas em pratos deliciosos. E também, como no meu caso, educadores que coletam e conduzem coletas em propostas educativas, oficinas de práticas artísticas e poéticas.

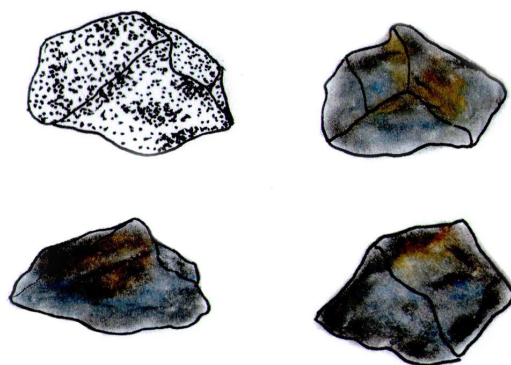
Independente do que guiar sua coleta lembre-se de procurar se manter atento e disponível. O intuito é que a experiência possa ser leve, prazerosa e divertida como uma brincadeira, ou seja, crie espaço para infanciar-se. Se possível experimente sair para coletar algumas vezes, e em diferentes lugares. Cada parque, praça ou jardim possuem complexos ecossistemas independente de suas dimensões, não subestime as pequenas áreas verdes que encontrar em sua cidade. Após vivenciar algumas coletas, reflita se a prática faz sentido para você e se percebe que algo muda em você após o retorno dessas atividade. Se não encontrar o que procura, ou se não souber o que procurar não se preocupe, a essência da experiência de coleta não necessariamente se define pelo objetivo de coletar elementos, mas sim, na busca e nos processos de aprendizado que se dão no caminho e no encontro de estar com a natureza.

Capítulo 03: Quando a coleta te escolhe

Com exceção das oficinas de práticas artísticas que conduzo, não costumo coletar elementos da natureza para criar outras coisas. Meu tipo preferido de coleta são aquelas em que faço registros e observo as características dos elementos. Me encanto ao perceber pequenas transformações que ocorrem nos elementos após a coleta, ou ainda transformações em minha própria percepção, na forma como passo a perceber a natureza do elemento que interajo. Sinto que em cada encontro com um novo elemento, uma partícula da natureza é manifestada para mim. Guardo alguns elementos coletados comigo e de outros somente o registro e a lembrança do encontro, deste modo, neste capítulo compartilharei três pequenas histórias de três pequenos encontros com elementos da natureza. Uma pedra, uma planta colorida e uma folha. Em cada coleta um encanto, uma transformação e um aprendizado.

Toda pedra é preciosa

Figura 1 - facetas da pedra



Fonte: Autoria própria.

Gosto de como as pedras guardam em si a essência do elemento terra, e de como elas tem um tempo próprio para viver seus movimentos de transformação, que muitas vezes não é visivelmente percebido por nós humanos. Conheço diversas pessoas que possuem pedras em suas casas, algumas porque acreditam em seus poderes místicos e outras as guardam como fragmentos de memória, uma lembrança trazida de algum lugar. Eu mesma tenho algumas

que guardo com muito carinho, como uma pequena pedra esbranquiçada que coletei dos arredores de onde meu pai um dia morou, no sertão da Paraíba. Mas foi para uma determinada aula da pós-graduação que coletei a pedra da qual irei apresentar. Faríamos em aula um exercício de observação de uma pedra, e por essa razão a coletei, mesmo sabendo que não necessariamente precisava, pois como contei, tenho algumas em casa. Assim, numa tarde qualquer de março percorri o gramado próximo de onde trabalho para fazer a coleta do elemento pedra, e percebi que por debaixo de quase todo o verde haviam pequenos pedregulhos. Mas então, qual coletar? Ou por que se demorar na coleta, se de modo geral, eram todos pedregulhos muito parecidos? Me senti na grama um pouco atordoada pela indecisão na coleta e decidi fechar os olhos, não mais faria a coleta guiada pelo sentido da visão. E assim, através do tato apenas, algumas pedrinhas chegaram até mim. Algumas mais compridas e ásperas, outras pequeninas e mais lisas. Até que uma pareceu se encaixar em meus dedos: era ela! Abri os olhos e dei de cara com uma pedra que parecia muito comum, meio manchada e de um cinza azulado que lembrava um pouco o asfalto, não parecia conter nada de especial. Guardei-a em meu bolso e a levei para casa, independente de qualquer coisa ela seria a pedra que eu levaria para a aula.

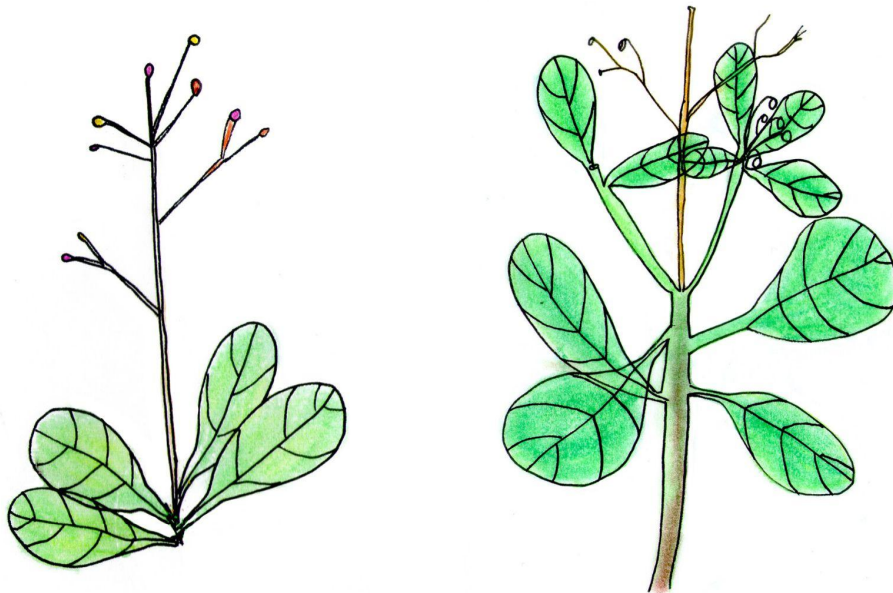
Naquela mesma semana, recebi em meu trabalho um grupo de crianças de sete a oito anos, cujo professor responsável já havia trabalhado conosco e era uma pessoa conhecida e muito querida. O combinado era de apenas recebê-los no museu, contar um pouco do que se tratavam as exposições e liberá-los para uma visita autônoma. Estavam todos animados e cheios de perguntas, com calma fui tentando responder uma a uma. Até que notei que uma menina segurava uma pequena pedrinha em suas mãos. Ela olhou seu professor de canto de olho e depois perguntou se poderia levar a pedra consigo pela exposição, respondi dizendo que o melhor seria guardar na mochila que ficaria na recepção. A menina então mostrou a pedra para seu professor e perguntou: “esta é uma pedra preciosa, certo?” O professor olhou para a pedra que parecia normal como qualquer outra, normal como a minha pedra, e então disse: “mas é claro, todas as pedras são preciosas”. E a menina se deu por satisfeita. Eu no entanto fui pega de surpresa com a situação, que me lembrou que sim; todas as pedras são preciosas.

Chegando na aula, fomos convidadas a investigar as partes que compunham nossas pedras. A minha pequena pedrinha contém tons de cinza, branco, azul, laranja e marrom, que possivelmente são fragmentos da terra de onde ela se encontrava. Seu formato irregular

remetia a uma pirâmide, ou melhor uma pequena montanha. Lembro que a primeira vez que me demorei contemplando suas manchas acinzentadas me perdi como se admirasse uma complexa pintura abstrata. E olhando de perto se percebe inúmeras facetas que brilham conforme a luz bate em sua superfície, minha pequena pedra parecia um retrato do cosmos, com centenas de micro estrelas brilhando nela. É uma pequena parte do todo, que contém o todo em sua parte. Foi o tempo e a atenção que transformou a pequena pedrinha em minha frente, de um elemento comum a um elemento de uma encantadora complexidade. E assim, tão de repente a pedra passou a existir em minha vida e eu passei a existir na vida da pequena pedra. Ainda hoje quando olho para ela lembro do professor que disse a menina que todas as pedras são preciosas e as vezes parece que a ouço dizer: “sim, sou um pequeno pedregulho, uma pequena fortaleza, sou opaca e brilhante e também sou e sei um monte de outras coisas que se revelam com o tempo”.

Pontos de cor no concreto

Figura 2 - planta no verão e no outono



Fonte: Autorial própria.

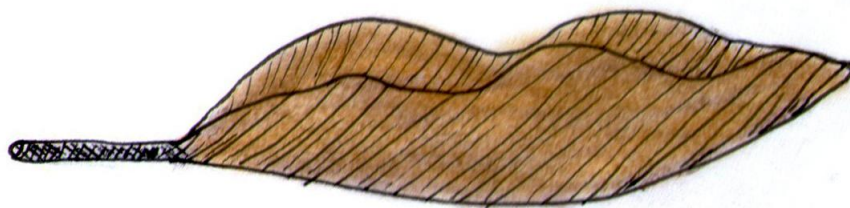
Sempre me impressiona as plantas que nascem das fissuras do concreto e como em espacinhos tão apertados elas encontram condição para a vida. São delicadas e resilientes, sua

presença é um silencioso confronto à rigidez do concreto, revelando que ainda há vida por debaixo da cidade. Seriam essas plantas muito mais do que imaginamos? O que enquanto cidade permitimos estar na superfície e o que permitimos ser apagado? Não lembro se foi entre a última primavera ou o último verão que comecei a notar com meu olhar caminhante pequenos pontos de cor nascendo do concreto. Amarelo, laranja e rosa, aqui e acolá. Perto de casa, perto da estação, no caminho para o trabalho e no passeio do final de semana. Era uma planta que nunca havia notado antes, suas folhas em formato de balão ficam próximas do chão, enquanto seu comprido caule revela no final pequenas esferas coloridas, como a cabeça daqueles alfinetes de costura. Elas estavam em toda parte e era quase como se me dissessem: "Ei, olha eu aqui!". Tentei descrever os detalhes da tal planta para um amigo que assim como eu é um observador amador, mas ele não soube dizer se lembrava ou já tinha visto a tal espécie. Parecia que ninguém mais notava ou se surpreendia com aqueles pontinhos de cores nascendo do concreto. E afinal, o que seriam os pontinhos coloridos? Sementes? Flores? Por semanas, colecionei mentalmente os lugares onde encontrava essa planta, até que planejei sua coleta na esperança de poder observá-la melhor. Meu plano era retirá-la do concreto e transferi-la para um pequeno vaso em casa, sabia do risco que haveria em toda essa operação, mas insisti na tentativa. Assim, num dia qualquer de dezembro, caminhando com meu pai pelo bairro, coletei a planta com cuidado para conservar sua estrutura. Suas folhas são relativamente grossas e quase lembram as folhas de algumas suculentas, o caule por onde nascem os pontinhos coloridos é fino e delicado. E quando secos, os pontinhos coloridos desprendem pequeníssimos pontinhos pretos que acredito serem as sementes. Coloquei a planta na terra e fui observando o passar dos dias. Dali um tempo, vi os pontinhos secarem e a planta desfalecer. Fiquei imaginando que a realocação da planta poderia ter sido muito violenta e decidi que não mais a coletaria. Dias vão, dias vêm, até que de repente, no vaso que havia ficado somente coberto por terra começam a brotar pequenas folhas em formato de balão. Tentei conter a surpresa e encantamento ao perceber que era ela: a plantinha dos pontinhos coloridos. E não somente uma, mas três! As sementes da plantinha coletada se espalharam pela terra que fez brota-lás no vaso em meu quintal. Pude acompanhar de camarote o crescimento das plantinhas em suas mais genuínas expressões de vida e descobri que os pontinhos coloridos quando chegam em seu ápice se transformam em pequenas flores no formato de estrelas. Percebi essa mesma transformação nas plantinhas presentes nas calçadas em que caminho. Agora, com a aproximação do inverno, os pontinhos coloridos perderam a cor, e as folhas que antes abraçavam o chão, agora crescem em direção ao céu, agarradas a um caule firme e grosso, diferente daquele que sustentava os pontinhos coloridos.

Ainda hoje fico espantada lembrando como mais ninguém parecia perceber a presença daquela planta nas ruas e calçadas. No que nossa atenção está tão concentrada ao ponto de não notarmos as mudanças que ocorrem ao nosso redor? Por menor que essas plantinhas sejam, elas não são invisíveis, e contém em si uma curiosa beleza e graça. Ao observar suas transformações me dei conta das pequenas transformações que ocorrem em nós, como um fio de cabelo branco que nasce, uma mancha que aparece ou uma cicatriz que se cura e que somente nós percebemos. As coisas mudam, e observar as mudanças é perceber a vida. Essas foram algumas das reflexões que os pequenos pontinhos coloridos me trouxeram, espero que quando eles florescerem de novo você possa percebê-los pelo caminho em que passa.

Morte, vida e folhas secas

Figura 3 - folha seca



Fonte: Autorial própria.

Um dos meus sons favoritos é aquele do estalar das folhas secas quando caminhamos por cima delas. É um som espalhafatoso que me traz um enorme prazer. Talvez porque para ouvi-lo é preciso estar perto de uma árvore, talvez num parque, num jardim, e a imagem de uma cena como essa muito me agrada. Certo dia, me coloquei a caminhar pelo parque para mais uma coleta, esperando coletar algo que chamasse minha atenção. Foi então que encontrei uma grande árvore rodeada por suas folhas secas. Não deu outra, me atrevi a atravessar todo aquele mar de folhas caídas. Fui pisando devagarinho para aproveitar o momento e conforme andava, notei que muitas das folhas caídas pareciam se encaixar, como

se estivessem se moldando no encontro umas das outras. Coletei do chão uma das folhas, era grande e maior que a palma da minha mão, estava alaranjada mas ainda tinha certa maleabilidade, talvez estivesse no meio do seu processo de secura. Levei a folha seca comigo e voltei para o trabalho, lá a guardei em meu armário e segui com a rotina. Tomada pelos afazeres, acabei me esquecendo de levar a folha, e ela acabou ficando na escuridão do armário por alguns dias. Quando voltei para ela, notei que havia mudado: sua textura estava mais firme e rígida, a cor mais amarronzada e sua forma havia sido modificada. A folha que antes era aberta como a palma da mão, encontrava-se agora como que com as asas fechadas. Era um movimento de encontro das bordas para o centro da folha. Fiquei imaginando o que poderia levá-la a tal movimento, seria a falta de luz? A rigidez da folha também a deixou mais delicada, percebi que um toque mais brusco poderia quebrá-la, e por isso evitei abrir ou mudar seu movimento para preservar a forma. Voltei para casa com a imagem da folha seca na cabeça e pensando sobre a ideia que temos de que folhas secas são folhas mortas. Chegando em casa fui de encontro a minha mãe, que naquela altura estava há bastante tempo acamada devido à questões de saúde. Ela já não mais falava e enxergava muito pouco, mas sempre respondia com sorrisos ou feições instigadas quando nos aproximamos ou conversávamos com ela. Seu corpo passava por um intenso processo de enrijecimento, e os membros ao poucos iam se atrofiando, apesar dos nossos esforços de mantê-los flexíveis. Sem poder evitar, a imagem da folha seca me tomou. Era como se ela e minha mãe partissem um processo de perda de vitalidade semelhante, e quando percebi isso, fui tomada por uma grande compreensão da natureza que somos e que partilhamos entre espécies. A experiência com a folha seca não aliviou a tristeza que sentia ao acompanhar os processos de saúde da minha mãe, mas expandiu a dimensão de como eu percebia sua situação. Todos nós, cada um a seu modo, vivemos e viveremos destes ciclos de vida e morte, e morte e vida. Neles nos transformamos, de mais maleáveis e flexíveis a mais rígidos e inflexíveis e vice e versa, seja pelo corpo ou em nossas ideias. Perceber os ciclos na natureza me traz certo conforto de saber que não estamos sozinhos enquanto espécie, que a humanidade não é e nunca será alguém da natureza por mais que muitos tenham dificuldade de percebê-la. No fim, pertencemos todos à natureza, mas quem afinal se sente pertencido a ela? Quem dorme tranquilo sabendo que um dia se tornará a folha seca? Sigo em minhas coletas em busca dessa tranquilidade e de experienciar histórias que como esta me ajudam a compreender a natureza que somos.

Conclusão

Gostaria que esta conclusão fosse como aqueles portais que adornam e marcam o meio do caminho, e ao passar por eles sabemos com tranquilidade que ainda há muito a ser percorrido. Esta escrita não chegou sem dor ou inseguranças, em diversos momentos me questionei se fazia sentido propor ideias e experiências de conexão, vínculo e ressignificação com a natureza, mas a urgência da questão falou mais alto em mim. Pois viver e trabalhar em contextos urbanos é por vezes sentir que se está caminhando contra a direção que nos leva ao encontro da natureza. É sentir uma percepção de tempo que é acelerada e encurtada, onde nele, a natureza e a infância são negligenciados. Sobram pouco tempo para brincar e menos tempo ainda para estar na natureza. Os efeitos da aceleração da vida são diversos e conhecidos, reverberam no micro (problemas de saúde que acomete as pessoas) e no macro (problemas de saúde que acomete o meio ambiente). Lembrar que há indícios históricos que comprovam que houveram outros jeitos de nós humanos vivermos neste planeta, outros modos de se relacionar com o meio, com as outras espécies e também outras maneiras de organizar nosso tempo, nos desafia a minimamente refletir se a forma como vivemos hoje faz sentido. Afinal, a todo momento vivemos e compomos a história humana, a história da natureza e a história deste planeta, que já foi, é e sempre será transformada. Estando dentro desta história e podendo refletir sobre ela, penso na minha forma de ocupar e viver neste lugar. Viver que é na verdade conviver, com outras pessoas, outras espécies, outros elementos, outras ideias, e até outros tempos. Se é possível perceber a natureza em outras espécies é possível perceber a natureza em nós? Na busca do fazer sentido, acredito que estar entre as plantas, insetos, rios, pássaros e outros tantos seres, com a qualidade de um tempo desacelerado para de fato percebê-los e assim descobrir outros tantos complexos sistemas de vida presente no cenário que ocupa meu cotidiano, é um ato revolucionário. Insisto que é preciso dar atenção a atenção, estar presente no agora que se vive. Mas, provocada por Alberto Caeiro lembro que “Sentir é estar distraído”, e assim tento dar atenção à distração, à surpresa, ao improvável e inesperado, pois muitas vezes a experiência nasce desses lugares. Como educadora, faço das experiências com/na natureza um compromisso pedagógico, num esforço de desfragmentar o conhecimento e transversalizar os universos. Pois, enquanto as áreas do saber não forem transversais, a natureza não poderá atravessá-las e portanto, a experiência humana seguirá afastada da natureza. É preciso haver uma mudança de postura, talvez como sugere Gregory Bateson:

Em vez de tentar controlar o mundo que compreendemos tão imperfeitamente, poderíamos nos inspirar em uma motivação mais antiga, hoje menos celebrada: uma curiosidade por este mundo de que fazemos parte. As recompensas de um trabalho assim nada têm a ver com poder, e sim com beleza. (BATESON, 2023)

No fim, as experiências de coletas de elementos da natureza são apenas pretextos para se viver de encontro à ela. Pretexto para seguirmos curiosos, interessados e disponíveis para se encantar, estranhar e experimentar o mundo.

Referências Bibliográficas

BARROS, Manoel de. Meu quintal é maior do que o mundo. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

BATESON, Gregory. Por uma ecologia da mente. *In*: Calendário da editora UBU. São Paulo: 2023.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar 2002.

CAÇADORES coletores *in* Arqueologias - Em Busca dos Primeiros Brasileiros. Direção de Ricardo Azoury. Brasil: E&F, 2017, son., color. Temporada 1, episódio 2. Série exibida pela TV Brasil Play. Disponível em: <https://play.abc.com.br/programas/401/episodios/6440/arqueologias-em-busca-dos-primeiros-brasileiros>. Acesso em 3 de abril de 2023.

CHRISTOV, LUIZA. Escrita de si e texto acadêmico: Potência e cuidados no convite ao conhecimento.

COCCIA, Emanuele. Metamorfoses (Editora Dantes, 2020).

MARETTI, Claudio. A conservação da Natureza. *In*: Aula ministrada no curso de pós-graduação "A natureza que somos: Filosofias e práticas para uma atuação genuína no mundo". Bragança Paulista: 2023

MENDONÇA, Rita. Atividades em áreas naturais. 2. ed. São Paulo: Ecofuturo, 2017. 166 p.

MUSEU NACIONAL UFRJ. Caçadores-Coletores *in* Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/guiaMN/Guia/paginas/7/cacadorescolet.htm>. Acesso em 3 de abril de 2023.

NOGUERA, Renato. Infância, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. *Childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, ano 3, v. 14, ed. 31, p. 625-644, set./dez. 2018.

NOGUERA, Renato. O PODER DA INFÂNCIA: espiritualidade e política em afroperspectiva. *Momento: diálogos em educação*, [s. l.], v. 28, ed. 1, p. 127-142, jan./abr. 2019.

PÁDUA, José Augusto. História Ambiental do Brasil. *In: Aula ministrada no curso de pós-graduação "A natureza que somos: Filosofias e práticas para uma atuação genuína no mundo"*. Bragança Paulista: 2023

SIGNIFICADOS. Evolução humana. Disponível em:
<https://www.significados.com.br/evolucao-humana/>. Acesso em 4 de abril de 2023.